

Homilias do primeiro Natal de Leão XIV

Apresentamos as homilias das missas do Santo Padre de 24 e 25 de dezembro, celebradas na Basílica de São Pedro. Nelas, o Papa nos convida a “dirigir nosso olhar para a terna impotência de um recém-nascido” e a deixar que o coração seja tocado pela fragilidade do próximo, como caminho para encontrar a verdadeira paz.

24/12/2025

24 de Dezembro 25 de Dezembro

Solenidade da Natividade do Senhor

Quinta-feira, 25 de dezembro de 2025

Irmãs e irmãos caríssimos!

“Irrompei em cânticos de alegria” (Is 52, 9), brada o mensageiro da paz a todos os que se encontram entre as ruínas de uma cidade inteiramente por reconstruir. Embora empoeirados e feridos, os seus pés são formosos – escreve o profeta (cf. Is 52, 7) –, pois, por estradas longas e irregulares, trouxeram uma alegre notícia, na qual tudo agora renasce. É um novo dia! Nós também

participamos desta mudança, na qual ninguém parece acreditar ainda: a paz existe e já está no meio de nós.

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; mas não a dou como o mundo” (*Jo 14, 27*). Assim disse Jesus aos discípulos, a quem acabara de lavar os pés. Eles eram mensageiros da paz que, a partir daquele momento, deveriam percorrer o mundo, sem se cansar, para revelar a todos “o poder de se tornarem filhos de Deus” (*Jo 1, 12*). Hoje, portanto, não só nos surpreendemos com a paz que já está aqui, mas celebramos *como* este dom nos foi dado. Com efeito, a partir deste *como* brilha a diferença divina que nos faz irromper em cânticos de alegria. Por isso, em todo o mundo, o Natal é, por excelência, uma festa de músicas e cânticos.

O prólogo do quarto Evangelho também é um hino e tem como

protagonista o Verbo de Deus. O “verbo” é uma palavra que age. Esta é uma característica da Palavra de Deus: nunca é ineficaz. Olhando bem, muitas das nossas palavras também produzem efeitos, por vezes, indesejados. Sim, as palavras agem. No entanto, eis a surpresa que a liturgia do Natal coloca diante de nós: o Verbo de Deus aparece e não sabe falar, vem até nós como um recém-nascido que apenas chora e dá vagidos. “Se fez carne” (cf. *Jo* 1, 14) e, embora crescerá e um dia aprenderá a língua do seu povo, agora fala apenas a sua presença simples e frágil. “Carne” é a nudez radical à qual, em Belém e no Calvário, falta até a palavra; assim como falta a muitos irmãos e irmãs despojados da sua dignidade e reduzidos ao silêncio. A carne humana pede cuidados, invoca acolhimento e reconhecimento, procura mãos capazes de ternura e mentes

dispostas à atenção, deseja palavras bonitas.

“Veio para o que era seu, e os seus não a acolheram. Mas, a todos que a receberam, deu-lhes capacidade de se tornarem filhos de Deus” (*Jo* 1, 11-12). Eis a forma paradoxal segundo a qual a paz já está entre nós: o dom de Deus nos envolve, busca acolhimento e mobiliza a dedicação. Ela nos surpreende porque se expõe à rejeição e nos encanta porque nos arranca da indiferença. Tornar-se filho de Deus é um verdadeiro poder: um poder que permanece enterrado enquanto estivermos distantes do choro das crianças e da fragilidade dos idosos, do silêncio impotente das vítimas e da melancolia resignada de quem faz o mal que não quer.

Como escreveu o amado Papa Francisco, para nos convocar à alegria do Evangelho: “Às vezes

sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que nos permitem manter distância do drama humano, para que aceitemos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecer a força da ternura” (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 270).

Queridos irmãos e irmãs, uma vez que o Verbo se fez carne, agora a carne fala, brada o desejo divino de nos encontrar. O Verbo ergueu no meio de nós a sua frágil tenda. E como não pensar nas tendas de Gaza, expostas durante semanas à chuva, ao vento e ao frio, e nas tendas de tantos outros deslocados e refugiados em todos os continentes; ou nos refúgios improvisados de milhares

de pessoas sem-teto dentro das nossas cidades? A carne das populações indefesas encontra-se fragilizada, provada por tantas guerras em curso ou concluídas, que deixam escombros e feridas abertas. Estão fragilizadas as mentes e as vidas dos jovens obrigados a pegar em armas, que, precisamente na frente de batalha percebem a insensatez do que lhes é exigido e a mentira de que estão embebidos os discursos inflamados daqueles que os enviam para a morte.

Quando a fraqueza dos outros penetra o nosso coração, quando a dor alheia despedaça as nossas certezas graníticas, então já começa a paz. A paz de Deus nasce de um choro de criança acolhido, de um pranto ouvido: nasce entre ruínas que invocam solidariedades renovadas, nasce de sonhos e visões que, como profecias, invertem o curso da história. Sim, tudo isso

existe, porque Jesus é o *Logos*, o sentido a partir do qual tudo tomou forma. “Tudo foi feito por ele, e sem ele nada se fez de tudo que foi feito” (*Jo* 1, 3). Este mistério nos interpela a partir dos presépios que construímos, abre os nossos olhos para um mundo em que a Palavra ainda ressoa, “muitas vezes e de muitos modos” (cf. *Heb* 1, 1), e continua nos chamando à conversão.

Certamente, o Evangelho não esconde a resistência das trevas à luz, descreve o caminho da Palavra de Deus como uma estrada intransitável, repleta de obstáculos. Até hoje, os autênticos mensageiros da paz seguem o Verbo neste caminho, que finalmente alcança os corações: corações inquietos, que muitas vezes desejam justamente aquilo a que resistem. Assim, o Natal motiva novamente uma Igreja missionária, impelindo-a pelos caminhos que a Palavra de Deus

traçou para ela. Não estamos ao serviço de uma palavra prepotente – já ressoam por toda parte –, mas de uma presença que suscita o bem, conhece a sua eficácia e não reivindica o seu monopólio.

Eis o caminho da missão: um caminho em direção ao outro. Em Deus, cada palavra é uma palavra dirigida, é um convite ao diálogo, uma palavra que nunca é igual a si mesma. É a renovação que o Concílio Vaticano II promoveu e que veremos florescer apenas caminhando juntos com toda a humanidade, sem nunca nos separarmos dela. O contrário é mundano: ter-se a si mesmo como centro. O movimento da Encarnação é um dinamismo de diálogo. Haverá paz quando os nossos monólogos forem interrompidos e, fecundados pela escuta, nos ajoelharmos diante da carne nua do outro. Precisamente nisto, a Virgem Maria é a Mãe da Igreja, a Estrela da evangelização, a

Rainha da paz. Nela compreendemos que nada nasce da exibição da força e tudo renasce a partir do poder silencioso da vida acolhida.

Santa Missa da Véspera de Natal

Quarta-feira, 24 de dezembro

Queridos irmãos e irmãs,

Durante milênios, em todas as partes da Terra, os povos perscrutaram o céu, dando nomes e formas às estrelas silenciosas. Em sua imaginação, liam os acontecimentos do futuro, procurando lá no alto, entre os astros, a verdade que faltava aqui embaixo, entre as casas.

Naquela escuridão, como que às cegas, eles permaneciam confusos com seus próprios oráculos. Todavia, nesta noite, “o povo, que andava na escuridão, viu uma grande luz; para

os que habitavam nas sombras da morte, uma luz resplandeceu” (Is 9, 1).

Eis a estrela que surpreende o mundo: uma centelha recém-acesa e flamejante de vida: “Hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2, 11). No tempo e no espaço, onde quer que estejamos, vem Aquele sem o qual nem mesmo teríamos existido. Vive conosco Aquele que por nós dá a vida, iluminando nossa noite com a salvação. Não há trevas que essa estrela não ilumine, pois à sua luz toda a humanidade vê a aurora de uma existência nova e eterna.

É o Natal de Jesus, o Emanuel. No Filho feito homem, Deus não nos dá algo, mas a si mesmo, “para nos resgatar de toda maldade e purificar para si um povo que lhe pertença” (Tt 2, 14). Nasce na noite Aquele que nos resgata da noite: o

vestígio do dia que amanhece já não deve ser procurado lá longe, nos espaços siderais, mas sim inclinando a cabeça para o estábulo ao lado.

Com efeito, o sinal claro dado a um mundo às escuras é “um recém-nascido envolvidos em faixa e deitado numa manjedoura” (Lc 2, 12). Para encontrar o Salvador, não é preciso olhar para cima, mas para baixo: a onipotência de Deus resplandece na impotência de um recém-nascido; a eloquência do Verbo eterno ressoa no primeiro choro de um bebê; a santidade do Espírito brilha naquele corpinho recém-lavado e envolto em panos. A necessidade de cuidado e calor, que o Filho do Pai compartilha na história com todos os seus irmãos, é divina. A luz divina que irradia desse Menino nos ajuda a enxergar o homem em cada vida que nasce.

Para iluminar nossa cegueira, o Senhor quis se revelar como homem ao homem, sua verdadeira imagem, segundo um projeto de amor iniciado com a criação do mundo. Enquanto a noite do erro obscurecer essa verdade providencial, “não haverá espaço sequer para os outros, para as crianças, para os pobres, para os estrangeiros” (Bento XVI, homilia na noite de Natal, 24 de dezembro de 2012). Essas palavras do Papa Bento XVI nos lembram que na Terra não há espaço para Deus se não houver espaço para o homem; não acolher um significa não acolher o outro. Por outro lado, onde há lugar para o homem, há lugar para Deus; então, um estábulo pode se tornar mais sagrado do que um templo, e o ventre da Virgem Maria, a arca da nova aliança.

Caríssimos, admiremos a sabedoria do Natal. No Menino Jesus, Deus oferece ao mundo uma vida nova: a

sua, para todos. Não se trata de uma ideia que resolve todos os problemas, mas uma história de amor que nos envolve. Diante das expectativas dos povos, Ele envia um bebê, para que seja palavra de esperança; diante da dor dos miseráveis, Ele envia um indefeso, para que seja força para se levantarem; diante da violência e da opressão, ele acende uma luz suave que ilumina com a salvação todos os filhos deste mundo. Como observava Santo Agostinho, “a soberba humana esmagou-te tanto que só a humildade divina podia levantar-te” (*Sermo in Natale Domini* 188, III, 3). Sim, enquanto uma economia distorcida leva a tratar os homens como mercadoria, Deus se torna semelhante a nós, revelando a infinita dignidade de cada pessoa. Enquanto o homem deseja se tornar Deus para dominar o próximo, Deus deseja se tornar homem para nos libertar de toda escravidão. Será que

este amor é suficiente para mudar nossa história?

A resposta surge logo, como os pastores, despertamos da noite da morte para a luz da vida nascente e contemplamos o Menino Jesus. Sobre o estábulo de Belém, onde Maria e José, cheios de admiração, velam o Recém-nascido, o céu estrelado torna-se “uma multidão da corte celeste” (Lc 2, 13). São hostes desarmadas e desarmantes, pois cantam a glória de Deus, cuja manifestação na Terra é a paz (cf. v. 14). De fato, no coração de Cristo, palpita o vínculo que une, no amor, o céu e a Terra, o Criador e as criaturas.

Por isso, há exatamente um ano, o Papa Francisco afirmou que o Natal de Jesus reaviva em nós “o dom e o compromisso de levar a esperança onde ela se perdeu”, pois “com ele a alegria floresce, com ele a vida muda,

com ele a esperança não desilude” (homilia na noite de Natal, 24 de dezembro de 2024). Com essas palavras, começou o Ano Santo. Agora que o Jubileu se aproxima do seu término, o Natal é para nós um tempo de gratidão e missão. Gratidão pelo dom recebido e missão de testemunhá-lo ao mundo. Como canta o salmista: “Dia após dia anunciai sua salvação, manifestai a sua glória entre as nações, e entre os povos do universo seus prodígios! E entre os povos do universo seus prodígios!” (Sl 96, 2-3).

Irmãs e irmãos, a contemplação do Verbo feito carne suscita uma palavra nova e verdadeira em toda a Igreja: proclamemos a alegria do Natal, festa da fé, da caridade e da esperança. É festa da fé, pois Deus se fez homem ao nascer de uma virgem. É festa da caridade, pois o dom do Filho Redentor se realiza na dedicação fraterna. É festa da

esperança, pois o Menino Jesus a acende em nós e nos torna mensageiros da paz. Com estas virtudes no coração, sem temer a noite, podemos ir ao encontro do amanhecer do novo dia.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/homilia-papa-leao-xiv-noite-natal-2025/> (27/01/2026)